

(Transcrição)

Rocca di Papa, 4 de outubro de 1976

A Eucaristia e o Novo Testamento

[...] Oh Jesus Eucaristia, que presunção, que audácia falar de ti que, nas igrejas do mundo inteiro, conheces as secretas confidências, os problemas recônditos, os suspiros de milhões de homens, as lágrimas de felizes conversões, somente por ti conhecidas, coração dos corações, coração da Igreja.

Não falaríamos de ti para não faltar com o respeito devido a tão alto, vertiginoso amor, mas o fizemos porque o nosso amor, que quer vencer todo temor, deseja ir um pouco mais além do véu, da branca hóstia, do vinho do cálice dourado.

Perdoa a nossa ousadia! Mas o amor quer conhecer para amar ainda mais, para não terminar o nosso caminho terreno sem ter descoberto ao menos um pouco quem tu és.

Além disso, devemos falar da Eucaristia, porque somos cristãos e na Igreja, nossa mãe, vivemos e levamos o Ideal da unidade.

Nenhum mistério da fé tem relação com a unidade quanto a Eucaristia. A Eucaristia abre a unidade e revela todo o seu conteúdo: é por meio dela que se realiza a consumação da unidade dos homens com Deus e dos homens entre eles, da unidade de todo o cosmo com o seu Criador.

Deus se fez homem. Jesus veio à terra. Podia fazer tudo. Mas fazia parte da lógica do amor que, uma vez dado um semelhante passo da Trindade à vida terrena, não permanecesse somente durante 33 anos, embora com uma vida divinamente extraordinária como a sua, mas encontrasse o modo de permanecer e sobretudo de estar presente em todos os pontos da terra e por todos os séculos no momento culminante do seu amor: sacrifício e glória, morte e ressurreição. E permaneceu. Excogitada pela sua fantasia divina, inventou a Eucaristia.

É o seu amor que chega ao extremo.

Diria Teresa de Lisieux: "Oh Jesus, deixa-me dizer, no excesso da minha gratidão, deixa-me dizer que o teu amor chega até a loucura".¹

Mas vejamos como aconteceu. Falamos sobre isso Mateus, Marcos, Lucas e Paulo.

Lucas diz: "Quando chegou a hora, ele se pôs à mesa com seus apóstolos e disse-lhes: 'Desejei ardentemente comer esta páscoa convosco antes de sofrer; pois eu vos digo que já não mais a comerei até que ela se cumpra no reino de Deus'... E tomou um pão, deu graças partiu e distribuiu-o a eles dizendo: 'Isto é o meu corpo que é dado por vós. Fazei isto em minha memória'.

E depois de comer, fez o mesmo com o cálice, dizendo: 'Este cálice é a Nova Aliança em meu sangue, que é derramado em favor de vós.'" (Lc 22,14-20)

Se Jesus não fosse Deus, não sei como ele poderia expor em tão poucas e solenes palavras, realidades tão novas, tão imprevisíveis, tão abissais, que fazem cair em êxtase, porque diante delas o ser humano não resiste.

Jesus, ali tu és o único a saber de tudo, a ser consciente de que o teu gesto conclui séculos de espera, o único a ver as infinitas consequências daquilo que estás operando para realizar o plano divino desde sempre previsto pela Trindade, aquele plano que, tendo o seu início na terra, penetra nos abismos futuros do Reino. Se tu – repito – não fosses Deus como poderias falar e agir assim?

Mas algo transparece daquilo que o teu coração santíssimo sente: "Desejei ardentemente" e sente uma imensa felicidade "antes de sofrer" e abraça com gáudio a cruz e o vínculo de um com a outra, porque aquilo que estavas para fazer era o teu testamento e um testamento vale somente depois da morte. Tu nos deixavas uma herança incomensurável: tu mesmo. [...]

1 TERESA DI LISIEUX, *Gli scritti*, Roma 1970, p. 244.

Depois Jesus "deu graças". Eucaristia significa "grande agradecimento" e o agradecimento por excelência era aquele dirigido ao Pai por ter cuidado e salvado a humanidade, com as suas intervenções mais extraordinárias.

E, tendo tomado o pão e o cálice, disse: "Isto é o meu corpo que é sacrificado por vós: fazei isto em minha memória". [...] Este cálice é a nova aliança em meu sangue, que é derramado em favor de vós". Eis a Eucaristia. É o milagre. A Eucaristia é – segundo Tomás de Aquino – "o maior milagre de Jesus Cristo"². [...]

Jesus celebra a sua Páscoa como um banquete. Em toda casa a hora da ceia é a hora da maior intimidade, da fraternidade, muitas vezes da amizade e da festa. O banquete presidido por Jesus é celebrado como a Páscoa dos Judeus e enquanto tal encerra em síntese toda a história do povo de Israel. A última ceia de Jesus é a realização de todas as promessas de Deus.

Os elementos mencionados na ceia são cheios do significado adquirido no Antigo Testamento. O pão era considerado como um dom de Deus, meio indispensável de vida, símbolo de comunhão, lembrança do maná; o vinho, chamado no Gênesis "sangue da uva" (Gn 49,11) era também oferecido nos sacrifícios (Ex 29,40), era símbolo de alegria dos futuros tempos messiânicos (Jer 31,12). O cálice era sinal de participação à alegria e de aceitação das aflições (Sl 80,6), era recordação da Aliança de Moisés (Ex 24,6). E pão e vinho eram prometidos pela Sabedoria aos seus discípulos (Prov 9,1-6).

Como o pai de família, Jesus nos seus gestos e na "oração de bênção" repete o rito judaico. Mas neste banquete há uma enorme diferença e novidade em relação à Páscoa hebraica. A ceia de Jesus é celebrada no contexto da sua paixão e morte e ele na Eucaristia antecipa simbolicamente e realmente o seu sacrifício de redenção. Ele é o sacerdote e a vítima deste sacrifício.

Paulo VI assim se exprimia na Quinta-feira santa de 1966: [...]

Para Atanásio comer o pão e o vinho que se tornaram corpo e sangue de Cristo é celebrar a Páscoa, isto é, revivê-la. De fato, a Eucaristia é o sacramento de comunhão com o Cristo pascal, com Cristo morto e ressuscitado, passado (Pascha = passagem), entrado em uma nova fase da sua existência, fase gloriosa à direita do Pai. Receber, portanto, Jesus na Eucaristia significa participar já desta terra da sua vida gloriosa, da sua comunhão com o Pai³.

E as palavras: "desde agora não beberei deste fruto da videira até aquele dia em que convosco beberei o vinho novo no Reino do meu Pai" (Mt 26,29), que foram traduzidas pelo conhecido exegeta Benoît como um "encontro marcado no Paraíso"⁴, dão à Eucaristia o caráter de um banquete que terá a sua plena realização depois da nossa ressurreição.

São João tem um modo seu de falar de Cristo, pão de vida. Ele narra desde o capítulo VI, no início do seu Evangelho, que Jesus, depois de ter multiplicado os pães e depois de ter caminhado sobre as águas, no grande discurso que fez em Cafarnaum, entre outras coisas diz: "Trabalhai, não pelo alimento que se perde, mas pelo alimento que perdura até a vida eterna, alimento que o Filho do Homem vos dará, pois Deus, o Pai, o marcou com um selo" (Jo 6,27).

Pouco depois o próprio Jesus se apresenta como o verdadeiro pão descido do céu, que deve ser aceito mediante a fé: "Eu sou o pão da vida. Quem vem a mim, nunca mais terá fome e o que crê em mim nunca mais terá sede." (Jo 6,34). E explica como poder ser pão de vida: "O pão que eu darei é a minha carne para a vida do mundo [...]" (Jo 6,51b).

Jesus já se vê como pão. É, portanto, aquele o motivo supremo da sua vida aqui na terra. Ser pão para ser comido. E ser comido para comunicar-nos a sua vida. "Este pão é o que desce do céu para que não pereça quem dele comer. Eu sou o pão vivo descido do céu. Quem comer deste pão viverá eternamente." (Jo 6, 50-51a)

2 Cf in *Off. Festiv. Corp. Christi, Lectio VI, in finem.*

3 Cf *ibid.* 4,5, PG 26, 1379.

4 Cit. in J. CASTELLANO, *Eucaristia* in DES, Roma 1975, p. 738.

Como é limitado o nosso modo de ver em relação ao de Jesus. Ele, o infinito que vem da eternidade, protegeu um povo com milagres e graças, edificou a sua Igreja e se encaminha para a eternidade onde a vida não acabará. Nós olhamos para este dia, talvez para o amanhã desta nossa breve prova, e nos angustiamos por inépcias. Somos cegos ao máximo. Sim, cegos, cegos também nós, cristãos. Vivemos talvez a nossa fé, mas sem plena consciência. Compreendemos Jesus em alguma sua palavra que consola ou que orienta, mas não vemos Jesus completo: "No princípio era o Verbo", depois a criação; depois a encarnação, depois quase uma segunda encarnação por meio do Espírito Santo na Eucaristia que nos serve de viático na vida, depois o Reino com eles divinizados pela sua pessoa que está no seu corpo e no seu sangue feitos Eucaristia.

Vista assim a realidade, tudo adquire o seu justo valor tudo é projetado para o futuro no qual chegamos se procuramos viver, como é possível, desde aqui a cidade celeste, num empenho de amor para com os irmãos e para com a humanidade semelhante ao de Jesus que passou pelo mundo fazendo o bem.

Que aventura a vida com este fim!

E os fariseus discutiam e Jesus responde e explica e reafirma e por fim diz: "Quem come a minha carne e bebe o meu sangue permanece em mim e eu nele. Assim como o Pais que vive, me enviou e eu vivo pelo Pai, também aquele que me come viverá por mim." (Jo 6,56-57)

"Permanece em mim e eu nele": eis a unidade consumada entre Jesus e a pessoa humana que se alimenta dele, pão. Assim é transmitida aos homens a plenitude de vida que há em Jesus e que lhe vem do Pai. Realiza-se assim a imanência dos homens em Jesus.

Escreve Santo Alberto Magno: "Cristo abraçou-nos com grande amor, porque nos uniu tanto a si de modo que está em nós e penetra ele mesmo nas nossas vísceras..."

O amor divino produz um êxtase: justamente diz-se isso do amor divinos porque coloca Deus em nós e nós em Deus e o termo grego 'êxtase' corresponde ao latim 'translação'.

(Jesus) diz de fato: 'Quem come a minha carne e bebe o meu sangue permanece em mim e eu nele'. Diz: 'permanece em mim', isto é: conduzido para fora de si; e: 'eu permaneço nele', isto é: sou conduzido para fora de mim... [...]

Neste estupendo capítulo do Evangelho de João, Jesus afirma: "O pão que eu darei é a minha carne para a vida do mundo." E ainda: "Quem come a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna e eu o ressuscitarei no último dia" (Jo 6, 54).

"[...] para a vida do mundo". A Eucaristia, portanto, serve já neste mundo para dar a vida. Mas o que é a vida? Jesus o disse: "Eu sou a vida". Este pão nutre dele já aqui na terra.

"E eu o ressuscitarei no último dia". A Eucaristia dá também a vida para o outro mundo. Mas o que é a ressurreição? Jesus o disse: "Eu sou a ressurreição".

É ele que inicia a sua vida imortal em nós; vida que não termina com a morte. Mesmo se o corpo é corruptível, a vida, Cristo, permanece na alma e no corpo, como princípio de imortalidade.

É grande este mistério da ressurreição para todos os homens que raciocinam num modo humano. Mas existe um modo de viver no qual o mistério torna-se menos incompreensível. Vivendo o Evangelho visto através da perspectiva da unidade, experimentamos por exemplo que, atuando o mandamento novo de Jesus, o amor recíproco leva a uma unidade fraterna entre os homens, que supera o próprio amor humano, natural. Ora este resultado, esta conquista é efeito da atuação da vontade de Deus. Jesus sabia que se tivéssemos correspondido aos seus imensos dons já não teríamos sido "servos" ou "amigos", mas "irmãos" seus e irmãos entre nós, porque nutridos da sua própria vida.

Para indicar esta família de outra natureza o evangelista João usa uma imagem sugestiva: a da videira e dos ramos (Jo 15). A mesma linfa, poderíamos dizer o mesmo sangue, a mesma vida, isto é, o mesmo amor (que é o amor com o qual o Pai ama o Filho) nos é comunicado (cfr Jo 23, 26) e circula entre Jesus e nós. Tornamo-nos consanguíneos, concorpóreos de Cristo; é no sentido mais verdadeiro e sobrenaturalmente profundo que Jesus chama os seus discípulos de "irmãos", depois da ressurreição (Jo

20, 17). E o autor da epístola aos Hebreus confirma que Jesus ressuscitado "não se envergonha de chamá-los irmãos" (Hb 2, 11).

Uma vez construída esta família do Reino dos Céus, como podemos pensar numa morte que interrompe a obra de um Deus com todas as consequências dolorosas que isso comporta? Não: Deus não nos podia colocar diante de um absurdo. Ele devia nos dar uma resposta. E no-la deu revelando-nos a verdade da ressurreição da carne. Ela quase já não aparece como um mistério obscuro da fé, para quem crê, mas é uma consequência lógica da vida cristã; é portadora da alegria imensa saber que nos reencontraremos todos com aquele Jesus que nos uniu deste modo.

A revelação fala ainda sobre a Eucaristia nos Atos dos Apóstolos.

A Igreja primitiva é fidelíssima a Jesus em atuar o "fazei isto em minha memória". De Fato, da primeira comunidade de Jerusalém diz-se que: "...eles se mostravam assíduos ao ensinamento dos apóstolos, à comunhão fraterna, à fração do pão e às orações" (Atos 2,42)

E narrando o apostolado de Paulo: "No primeiro dia da semana, estávamos reunidos para partir o pão; Paulo, que devia partir no dia seguinte, entretinha-se com eles. Prolongou o seu discurso até o meio da noite..., depois partiu o pão e comeu; discorreu por muito tempo ainda, até a aurora. Então partiu". (At 20, 7-11)

Também na sua primeira epístola aos Coríntios Paulo mostra a sua fé ardente e certa no corpo e no sangue de Cristo, escrevendo: "O cálice de bênção que abençoamos, não é comunhão com o sangue de Cristo? O pão que partimos, não é comunhão com o corpo de Cristo? (1 Cor 10,16) e continua descrevendo o efeito que este pão misterioso opera em quem o recebe: "Já que há um só pão, nós, embora muitos, somos um só corpo, visto que todos participamos desse único pão" (1 Cr 10,17).

Um só corpo! [...]

Jesus, tu tens um grande desígnio sobre nós e o estás atuando através dos séculos: fazer-nos uma coisa só contigo a fim de que estejamos onde tu estás. Para ti, que desceste da Trindade à terra, era vontade do Pai que tu para lá voltasses, mas não quiseste voltar sozinho, mas conosco. Eis, portanto, o longo trajeto: da Trindade à Trindade, passando por mistérios de vida e de morte, de dor e de glória.

Ainda bem que a Eucaristia é também uma ação de graças. Somente com ela podemos ser-te gratos em modo adequado.

Chiara Lubich